



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8530 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 14 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

ENTRE O VER E O SABER: IMAGEM, CONHECIMENTO E SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Rita Márcia Magalhães Furtado - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

ENTRE O VER E O SABER: IMAGEM, CONHECIMENTO E SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Ao analisar a imagem e os modos de visibilidade no cotidiano, inter-relacionando estes com a subjetividade advinda da cultura do efêmero e da aceleração do tempo, inserida no fluxo sensorial contínuo da sociedade contemporânea, percebemos a necessidade de pensarmos a relação do ver com o saber e em que medida essa interação é determinante para o estudo das obras de cultura relacionada a uma perspectiva educacional. A imagem é aqui abordada como forma de pensamento visual que sustenta um conhecimento sobre as imagens do mundo e as imagens no mundo, balizada pelo sensível e o inteligível, em seus aspectos perceptivo e cognitivo. Essa pesquisa pautou-se num problema crucial que se coloca entre o ver e o saber: por que ainda existe um hiato entre o que vemos e o que sabemos a respeito do que vemos, entre a percepção de uma imagem e o conhecimento dela advindos?

Sendo assim, pretendemos analisar a relação entre o sensível e o inteligível a partir do ato de olhar uma imagem, verificando, a partir de sua presença no sensível do mundo, sua potência conceitual, examinando seus fundamentos e definindo seu estatuto epistemológico no contexto contemporâneo.

A pesquisa é de cunho teórico, com fontes bibliográficas, e foi subsidiada na justificativa da importância da estruturação de um campo específico de pesquisa com imagens que é feita por Bauer & Gaskell, (2008). Entre as várias abordagens possíveis de se adotar ao pesquisar a imagem, escolhemos a perspectiva fenomenológica pois esta contempla uma vertente teórica expandida, que passou a fazer parte das discussões estéticas, sobretudo quando enfocada do ponto de vista formativo. Entendemos que a fenomenologia nos ajuda aqui a detectar se há efetivamente um conhecimento advindo da percepção direta das imagens.

O debate cada vez mais crescente, sobre a importância que a imagem adquire nos saberes contemporâneos, aponta para a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre sua gênese, sua manifestação e os modos de interação, sobretudo aqueles suscitados pela percepção, ato psíquico que funciona como base para uma possibilidade pedagógica advinda sobretudo, mas não só, do ato de ver. Buscamos, no entrelaçamento dessas duas referências conceituais – ver e saber –, a possibilidade de pensarmos a imagem e sua inserção na contemporaneidade, na relação dos saberes e fazeres educativos cotidianos.

Pensamos que os modos contemporâneos de visibilidade da imagem remetem a uma análise das categorias da percepção e da atenção, suscitando por parte de alguns teóricos contemporâneos uma atenção especial no que se refere aos modos de olhar, aos modos de visibilidade que a imagem assume e as implicações disso na constituição da subjetividade. Claudine Haroche, na coletânea de textos intitulada *A condição sensível* explicita o movimento constante, as relações efêmeras e o isolamento dos indivíduos sintetizados na expressão “fluxo sensorial contínuo”, tal fluxo possui implicações que revelam a ausência de reflexão imposta pela rapidez e faz com que o indivíduo tenha sua capacidade de imaginação e de representação dificultadas ou eliminadas. Nesse sentido, ele “vê sem ver.” (Haroche, 2008, p.144). Obviamente ele consegue ver, no entanto, não é capaz de atitudes características do olhar atento como fixar, analisar, compreender e apreender.

Nessa perspectiva, o fenômeno da percepção, ou seja, a relação entre o homem e o mundo, passa a ser o princípio unificador e fundamental de uma epistemologia voltada para as incertezas e as flutuações do relacionamento cognitivo homem-mundo. Unificante, por se tratar de um encontro comunicativo – no sentido de tornar comum – e não de impressão ou de visão à distância, o corpo é o mediador dessa relação estesiológica de conhecimento do sujeito senciante e do objeto sentido, ambos feitos do mesmo estofado, da mesma “carne” do mundo. Desse modo, a fenomenologia amplia a ênfase no modelo imagético com uma abordagem de referência na qual a reflexão não fica restrita ao campo visual, mas se expande na corporeidade que supõe entrelaçamento do corpo com o mundo sensível – tido como irrefletido – e o inteligível – tido como reflexivo, atuando nas relações com o conhecimento. Nossa referência conceitual pauta-se na fenomenologia, com a especificidade das abordagens de Maurice Merleau-Ponty (1999; 2004), Georges Didi-Huberman (2010; 2013; 2014) e Emmanuel Alloa (2015), que expõem um método para além do simples desvelamento do véu que cobre o real e sua verdade ontológica e admitem uma fé perceptiva no mundo, que se situa, segundo eles, entre o já instituído e a representação.

Merleau-Ponty concebe o fenômeno da percepção não como um olhar de penetração nas coisas como movimento interior da consciência que é determinante, ocorrendo no fora, para além do corpo e muito menos trata-se de uma percepção interior de um olho-consciência entrincheirado atrás das imagens do mundo, máquina empirista de registro ótico de impressões das coisas. Ao contrário, a percepção, função executante do corpo, deve deixar-se perder na relação singular e caótica do mundo em que os olhos – de carne – chegam e encontram as próprias coisas formigantes e vivas e se funde com elas, atribuindo sentido ao mundo percebido como um constante renascer da consciência instaurada na experiência originária do corpo, discordando da ideia de pensamento operatório que chama para si a pretensão do conhecimento absoluto. Essa consistente relação de ambiguidade e justaposição, explicita a epistemologia merleau-pontiana fundamentada no modelo de percepção do pintor. (2004)

Georges Didi-Huberman afirma, em sua obra *Diante da imagem* (2013), que é justamente por seu caráter contraditório, que a imagem se torna autêntica. Emmanuel Alloa (2015) também ressalta o paradoxo, já identificado por Didi-Huberman, presente no ato de olhar uma imagem, pois neste, reconhece-se o poder que esta possui de nos fazer “tocar o que

está ausente, tornando presente aquele que está distante”.

Ver é, fenomenologicamente, a mediação que nos liga, através do sentido da visão, ao mundo das coisas e ao mundo do pensamento, o ato que nos coloca em contato com a superfície do mundo e que torna tangível, à distância, as coisas do mundo. Esse sentido de superfície é o gesto primeiro, muitas vezes involuntário, que nos conecta com a realidade e nos projeta no mundo. Nesse sentido, o ver impacta, causa espanto, mas não nos completa, do ponto de vista epistemológico. “Estamos imersos na profusão sem limites do ver”. (Le Breton 2016, p.67). Nele, há sempre uma falta e uma busca.

Vista pela perspectiva fenomenológica, a imagem, inicialmente, no campo do sensível, está à margem do *logos*. No entanto, desconstruindo o já dado, a imagem alcança o inteligível, restituindo o *logos* do mundo sensível. Uma manifestação “epifânica” que restitui o *logos* do mundo sensível. A imagem propiciada pela arte é o oposto da mera representação pois se insere no campo da criação e dela emana uma potência que faz ver não apenas o que foi criado pelo processo artístico como figurativo ou abstrato, mas faz ver também o mundo, sendo portadora, mesmo na imagem estática, do ritmo e do movimento do mundo, quebrando a dualidade tempo-espaço e estabelecendo sua fusão.

Assim, não há nem uma suspensão nem uma ruptura com o processo perceptivo, mas há um prolongamento, via manifestação do visível, ao seu estado puro pela potência criadora da arte e conserva em si o que Merleau-Ponty chama de “expressão primordial”, estabelecendo uma equivalência entre a imagem criada, a pessoa que a cria e a pessoa que com ela interage.

Da parte do espectador que vê, observa e percebe, há uma exigência, inerente ao olhar, de uma postura que atribui sentido ao mundo, a partir da imagem já dada, considerando que as formas, conforme mencionamos acima, resultam de múltiplas experiências tanto de quem cria quanto de quem as apreende. Mas sem dúvida, é a condição do próprio ato de ver que supera a uniformização dos modos de apreensão da imagem quando atribui sentido e significado a esta. Contudo, delegar apenas ao olhar a captura da textura do mundo, seria um empobrecimento do potencial da percepção. Aqui, o recorte feito na abordagem da visão, não desconsidera o corpo como sentido completo de captação do sentido do mundo. Ainda assim, a visão nos permite, de forma mais imediata, um desvelamento multissensorial do mundo, extraíndo das formas do mundo sensível, o sentido da vida. Paula Cristina Pereira, em *Da sensibilidade como acolhimento* (2003), diz de uma “poética excedência”, aquilo que transborda no sensível e nos constitui enquanto saber. Emmanuel Alloa afirma que “No espaço entre a imagem e o olhar que ela provoca, uma atmosfera pensativa se forma, um meio pensativo” (2015, p.9).

No processo formador, a apropriação dessas imagens não deve ocorrer sem a devida problematização e reflexão crítica, sob o risco de simplificar o complexo pressuposto, já citado, de que a imagem pensa e faz pensar. A imagem propõe um exercício de aprendizado, traz consigo uma “pedagogia intrínseca”, quando promove questionamentos éticos, técnicos, políticos e estéticos a ela inerentes.

É importante reiterar que na prática, a relação entre imagem e conceito se torna uma possibilidade mediadora de uma experiência humana subjetiva e singular que acrescenta ao que é uniforme e homogêneo do coletivo, permitindo compreender novas práticas perceptivas em relação ao visível, apontando para uma forma de saber não-verbal, *a priori*, que, *a posteriori*, se institui como forma discursiva. De certo modo, esta afirmação se articula com o pensamento de Graciela Frigerio, “abordar uma construção conceitual é tornar-se disponível, deixar-se impressionar por um modo de definir o pensável e, ao mesmo tempo, deixar-se afetar por uma abertura que se predispõe a expandi-lo (2007, p.30). Esta abertura é a condição

primeira para a experiência estética que, sendo *interpretação teórica do sentir*, torna-se assim, indissociável da intuição e do conhecimento. O pensamento que elabora o conceito é o visível manifestado e elaborado. A experiência estética é um aprendizado que se dá pelo olhar, um refinamento da percepção para além da cotidianidade das coisas do mundo ordinário, que extrai do exterior elementos para uma interpretação de mundo que foge à padronização e à massificação, mas elabora, de modo intrínseco, os saberes que resultam em práticas sociais emancipatórias.

Palavras-chave: Educação. Imagem. Formação. Subjetividade. Experiência estética.

REFERÊNCIAS

- ALLOA, Emmanuel. **Pensar a imagem**. Tradução de Carla Rodrigues et. al. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BAUER, Martin, GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 7a. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: KKYM, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FRIGERIO, Graciela. DIKER, Gabriela. **Educar: sobre impresiones estéticas**. Buenos Aires: La Hendija, 2010.
- HAROCHE, Claudine. **A condição sensível**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: CosacNaify, 2004.
- PEREIRA, Paula Cristina. Da sensibilidade como acolhimento. In: CARVALHO, Adalberto Dias de (Org.). **Sentidos contemporâneos da educação**. Porto: Afrontamento. 2003, p. 219-238